



GT2: CIDADANIA E CULTURA

O CORPO COMO MÍDIA DE PROTESTO E SÍMBOLO DE EMPODERAMENTO FEMININO NA MARCHA DAS VADIAS

Rafaela Czelusniak Santos (SECAL); czs.rafa@gmail.com
Luciane Pereira da Silva Navarro (SECAL); lucianesilvanavarro@gmail.com

TEMÁTICA: CIDADANIA E CULTURA

RESUMO: Este trabalho traz o estudo do corpo feminino a partir da sua função comunicativa na Marcha das Vadias. Considera-se que, para além de comunicar mensagens como mídia de protesto, no campo da representação, o corpo-mídia adquire caráter simbólico. Tais perspectivas norteiam o estudo do corpo feminino durante a terceira onda do feminismo a partir do pós-estruturalismo, especialmente a partir da ideia de performatividade de gênero proposta por Hélène Cixous e Luce Irigaray na *Écriture Féminine*. Através do recurso de análise semiótica, foi possível averiguar a mensagem simbólica do corpo-mídia.

Palavras-chave: Pós-estruturalismo. *Ecriture Feminine*. Feminismo. Comunicação. Marcha das Vadias;

1. INTRODUÇÃO

O cristianismo é historicamente responsável por imputar sentidos negativos ao corpo feminino. Silvia Liebel (2004) afirma que nos discursos cristãos, a mulher era vista como portadora de uma sexualidade insistente que impediria a elevação da mente masculina, ou seja, o homem deixaria de ser racional diante da mulher. Na bíblia a mulher, na figura de Eva, aparece ligada ao pecado e às desgraças da humanidade.

No período da Idade Média, na Inquisição, as mulheres, que buscavam conhecimento, eram punidas como bruxas e queimadas em praça pública. No mesmo período, o corpo feminino foi visto como lugar de tentação (MATOS; GENTILE, 2004). Uma das estratégias de restrição ao corpo feminino foi o vestuário. Até o século XIX, as roupas femininas eram uma forma de controle (NOVAES; LANELLI, 2015). O sutiã tinha a função de um espartilho e carregava uma ideia de interdição, “[...] funcionava como uma forma ou um estojo protetor e, sobretudo, corretor de um corpo feminino passivo e amolengado, considerado pelos médicos possuidor de postura ‘frágil’ e ossos ‘tenros’” (DEL PRIORE, 2001, p. 11). Ainda hoje, para não despertar o desejo, com base no Alcorão, religiões muçulmanas impõem o uso da burca, roupa que cobre todo o corpo da mulher.

Em fins do século XIX, o feminismo surge como um conjunto de movimentos sociais, políticos, ideológicos e filosóficos que lutam pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, empoderamento feminino e pela libertação de padrões opressores baseados na ideologia de gênero. Num contexto de intensa



movimentação social (HALL, 2005). O feminismo pode ser compreendido a partir de três fases ou ondas, de acordo com Maggie Humm (1990) e Rebeca Walker (1992). A primeira onda acontece entre os séculos XIX e XX, e tem como marco o sufrágio feminino, ou seja, a busca pelo direito do voto para as mulheres. A segunda onda surgiu nas décadas de 1960 e 1970 com o objetivo de combater as desigualdades sociais e culturais relacionadas a sexualidade, família, mercado de trabalho e direitos reprodutivos, por exemplo.

A terceira onda teve início na década de 1990 e persiste até hoje. Pós-estruturalista, a terceira onda desafia a base conceitual das ondas anteriores, que deram mais espaço às mulheres brancas de classe média alta do que para as demais feministas. É possível dizer que essa onda não reivindica somente a diferença entre homens e mulheres, mas também a diferença entre as próprias mulheres (BEDIN; CITTADINO; ARAÚJO, 2015, p.330).

Nessa fase histórica, passou a existir uma nova forma de protesto feminista. A York University, em abril de 2011, foi palco de um evento que marcou uma nova abordagem de linguagem do movimento feminista. Um policial, com a intenção de debater a segurança das alunas, afirmou que para se protegerem da violência sexual, as mulheres não deveriam se vestir como *slut*, termo inglês para vagabunda, prostituta, vadia. A declaração foi considerada exemplo explícito de que a mulher é culpabilizada pela violência sexual resultante da exposição do corpo. Inconformadas com a situação, universitárias canadenses foram às ruas de Toronto em um protesto denominado *Slutwalk*, em português, Caminhada das Vagabundas. Para simbolizar a ideia de que cada mulher deve ter a liberdade sobre as escolhas e usos do seu corpo, as participantes se manifestavam com os seios nus ou vestindo apenas sutiãs. No mesmo ano, o movimento se espalhou no mundo todo, ganhou força e foi organizado em cidades de diversos países.

No Brasil. São Paulo foi a primeira cidade brasileira a organizar uma Marcha, em 2011. O termo vadia foi escolhido como tradução do *slut*. No segundo ano, chegou a 23 cidades. As mídias e canais digitais popularizaram a Marcha, mas Christine Greiner (2010) afirma que a Marcha das Vadias visa liberar o corpo, conferindo o *status* de corpo-signo, pleno de representações autônomas e também midiáticas, agindo então como corpo-mídia. Diante disto, esta pesquisa analisou o corpo como mídia de protesto na Marcha das Vadias. Para além desta constatação, o intuito foi estudar a terceira onda do feminismo visando debater em que medida o corpo nu se converteu em símbolo da não-subjugação à cultura do patriarcado.

A *Écriture Féminine*, traduzida no português como escrita feminina, é uma teoria francesa desenvolvida por pensadoras feministas, como Hélène Cixous e Lucy Irigaray. Essa teoria traz a diferença feminina na linguagem e no texto, e também apresenta uma ideia de reconstituição da inscrição cultural e psicológica do corpo feminino (ETTINGER, 1994-1999). A *Écriture Féminine* defende a diferença em sua linguagem como uma oposição ao chamado pensamento androcêntrico, e apodera-se de uma sintaxe própria que rompe a ideia de submissão e domínio. Cixous (1997) propõe à mulher falar sobre ela mesma, pois seu corpo precisa ser ouvido. [...] “Escrever. Um ato que não só “realizará” a relação não censurada com sua sexualidade, com sua condição de mulher, mas lhe devolverá seus bens, seus prazeres, seus órgãos, seus imensos territórios corporais que foram mantidos

lacrados” (CIXOUS, 1997, p.351). É possível comparar o movimento da Marcha das Vadias com a teoria exposta por Cixous e Irigaray. Na Marcha, as mulheres inovaram a forma de escrita, falam de si mesmas, reivindicam autonomia sobre seus corpos e pensamentos.

1.2 ANÁLISE

Três fotografias da Marcha das Vadias no Brasil dos anos 2011, 2013 e 2016 foram selecionadas no portal Universo Online (UOL) Notícias. O estudo foi realizado com base na teoria semiótica de Marine Joly (1994) e dos conceitos Roman Jakobson (1963). As imagens foram analisadas a partir de: aspectos comuns, contexto imediato e sócio-histórico, relações de presença e ausência, funções da linguagem e dimensão simbólica. Abaixo as imagens:

Imagem 1¹
2011



Imagem 2²
2013



Imagem 3³
2014



Embora diferentes uma da outra, as três imagens, por se tratarem do mesmo movimento, possuem características comuns. Com base na teoria da Jakobson (1963), observa-se que o destinador é uma entidade de grupo, as pessoas que manifestam, o movimento como um todo. O destinatário é a sociedade. O contato acontece através da Marcha e das imagens divulgadas nos veículos de comunicação. Há dois tipos de códigos, sendo eles, o escrito (presente dos textos sob o corpo e cartazes) e o código do próprio corpo (o elemento estético). As mensagens são objetivas e subjetivas. Objetivas são as escritas como “o corpo é meu”, “meu corpo me pertence” e “poupe meus ovários machos”. Subjetiva é aquela que está por trás da origem do movimento. Através do simbolismo da ação, as mulheres expressam a luta pelo respeito ao seu corpo, ao empoderamento, as desigualdades de sexo construídas historicamente, entre outras.

1.2.1 Contexto imediato e sócio-histórico

A imagem do corpo da mulher na Marcha das Vadias sugere dois contextos, um imediato e o outro histórico. O imediato é basicamente o fato de uma mulher nua ou seminua estar andando pela rua, é a Marcha em si. O que faz o corpo ter um caráter simbólico bastante forte dentro do movimento é o contexto histórico. Como visto anteriormente, as teorias históricas sociais geraram resultados negativos para a sociedade feminina que sofre até os dias de hoje. Uma mulher que não se



veste “adequadamente” é impura, provoca o homem e é considerada a única responsável por eventuais abusos e estupro. Contrariando tudo que é preconizado historicamente, a Marcha das Vadias motiva um impacto social, uma vez que as ativistas exibem seus corpos sem pudor e desta forma ocupam espaços públicos.

1.2.2 Relações de presença e ausência

A autora Martine Joly indica as questões de ausência e presença como um dos critérios do processo de análise de imagens. Nas imagens dos corpos na Marcha das Vadias selecionadas, a ausência de roupas chama a atenção e também carrega um significado simbólico. Assim como abordado anteriormente, as roupas, tanto na religião como na vida social, representaram um limite ao corpo feminino e portavam uma ideia de interdição. Como é o caso do sutiã, por exemplo. A **Imagem 1** trata de uma mulher sem o uso do sutiã. O significado não está estabelecido apenas em uma mulher com seus seios de fora, mas é uma forma de protesto ao contexto citado acima. A criação do sutiã teve como objetivo conter o corpo feminino e moldá-lo de acordo com o desejo do homem. Neste sentido, os seios à mostra da mulher sugerem a libertação do corpo, da estética e traz uma crítica à imposição do masculino sobre o feminino e à ideia de que o corpo da mulher deve obedecer aos desejos do homem.

1.2.3 Funções da linguagem

Em meio à comunicação da Marcha das Vadias, as funções de linguagem dominantes são a expressiva (ou emotiva), poética, conativa, denotativa e metalinguística. Expressiva porque se refere a uma questão subjetiva ao emissor, o movimento. A conativa porque trabalha com a desconstrução de alguns termos sugerindo novos significados e interpretações. A poética pela tentativa de sugerir uma estrutura de mensagem não convencional. E a metalinguística, em que o emissor usa o corpo para falar do próprio corpo. A Marcha das Vadias representa um novo molde linguístico em que as mulheres falam sobre elas mesmas, o que sugere a teoria da *Écriture Féminine*. Como já visto, Cixous e Irigaray propõe: “[...] escreva sobre você mesma, seu corpo precisa ser ouvido” (CIXOUS, 1997, p.351) e elas devem, portanto, colocar a questão na forma: O que é a mulher?” (IRIGARAY apud MOI, 1988, p. 139) Na imagem de análise um, está presente a frase “O corpo é meu”. A frase utilizada pela mulher é objetiva, a palavra “corpo” está representando o sentido real de seu significado de acordo com o dicionário, assim como “meu”. A emissora, visivelmente, é o destaque da imagem e trata de uma questão subjetiva a ela e ao movimento.

A **Imagem 2** apresenta a mensagem escrita sob o corpo e também uma mensagem escrita sob o papel. Sob sua pele está escrito a frase “meu corpo me pertence”. A jovem se apresenta também segurando um cartaz com o texto “Se eu for p/o baile sem calcinha, a buceta continua sendo minha”. O texto do corpo traz uma linguagem cognitiva. “Meu corpo me pertence” é um texto denotativo, todas as palavras estão apresentadas de acordo com o seu significado e contexto. Em contrapartida, o texto do cartaz é conativo. De acordo com o “Dicionário Informal”¹, a



palavra “buceta” é derivada de “boceta”. Boceta, segundo a definição do dicionário Aurélio, é uma pequena caixa redonda oval e alongada. Na frase do cartaz, buceta está se referindo ao órgão reprodutor feminino (vagina).

A **Imagem 3** selecionada para análise se difere das demais. Enquanto as outras tinham textos escritos na parte frontal do corpo, esta carrega a mensagem escrita nas costas. A frase “Poupe meus ovários, macho”, exposta pela ativista, possibilita inúmeras interpretações. Trata-se de uma linguagem de função expressiva que sugere diferentes significados. Os ovários fazem parte do sistema reprodutor feminino e é indispensável para a reprodução humana. Entre as interpretações, a frase pode sugerir que o corpo da mulher seja preservado como um todo, pois não é apenas um objeto sexual. A região corporal onde a frase foi escrita está longe do local em que os ovários estão localizados, o que simboliza a distância, o homem deve respeitar e manter distância.

1.2.4 Dimensão simbólica

Tendo como base as definições de Peirce (1978) e Joly (1994) é possível apurar que as três imagens analisadas conduzem um signo, um significante e significados. O signo é o próprio corpo e o significante se refere às mulheres seminuas que participam da Marcha. A utilização do corpo no movimento pode sugerir, entre outros significados, a contestação da história de subordinação da mulher perante o homem e o direito ao domínio da mulher sobre o seu corpo. A mensagem simbólica do movimento clama pelo respeito às mulheres e pelo empoderamento do corpo feminino.

A utilização do nudismo pelas ativistas da Marcha das Vadias possui um caráter simbólico e remete à sociedade uma mensagem, uma nova visão da história, uma desconstrução de todo um conceito androcêntrico estabelecido pelas sociedades patriarcais.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise proposta por este estudo pode chegar a algumas conclusões sobre o papel do corpo na Marcha das Vadias e na sociedade. Na Marcha, movimento característico da terceira onda do feminismo, as mulheres lutam por uma desagregação de toda definição androcêntrica imposta ao corpo. Para além da materialidade do corpo exposto em praça pública, o termo “vadia” que nomina a Marcha também representa uma tentativa de desconstrução. As mulheres que anteriormente deveriam estar em casa, a serviço de seus maridos e preservando seus corpos, agora ocuparam espaços públicos sem o uso de vestes e assim confrontaram toda a conceituação impostas a elas. Neste sentido, é possível comparar a dinâmica do movimento com a teoria da *Écriture Feminine*, elaborada por Cixous e Irigaray, que orientam as mulheres a escreverem sobre elas mesmas, sobre seus corpos, pensamentos e sentimentos e assim reescrever a própria história. A batalha das ativistas que buscam pela libertação da mulher e de seu corpo ainda tende a enfrentar inúmeras barreiras. A Marcha das Vadias é um fenômeno esporádico, acontece uma vez a cada ano em várias cidades do Brasil e



do Mundo. Concorre com imagens que impõem o corpo como objeto de desejo, de comercialização e de subordinação ao masculino. Tais significados associados ao corpo feminino circulam em escala esmagadoramente maior. São anunciadas diariamente pela mídia e difundidas nas conversas íntimas e nos discursos sociais. Mesmo apesar de ser menor em escala, foi possível averiguar que, através de uma reelaboração simbólica, a Marcha das Vadias busca atribuir novos significados ao conceito de mulher e corpo. Através desta prática, ao corpo, principal ferramenta de comunicação do movimento, podem ser outorgadas características de mídia. Reapropriação e empoderamento do corpo feminino, reestruturação do termo “mulher”, respeito, luta pelo fim da violência e abuso contra mulher, entre outros. Estes são alguns dos possíveis significados que o corpo nu representa no movimento das vadias através da performance corporal feminina.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BEDIN, G. A; CITTADINO, G. G; ARAÚJO, F. D.. **Poder, cidadania e desenvolvimento no estado democrático de direito**. in: xxiv congresso nacional do conpedi - ufmg/fumec/dom helder câmara. 2015.

CIXOUS, Hélène. **La risa de la medusa: ensayos sobre la escritura**. Barcelona: Anthropos : Madrid : Comunidad de Madrid : San Juan : Universidad de Puerto Rico, 1995.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

ETTINGER, Bracha. **The Matrixial Borderspace (essays 1994-1999)**, Minnesota University Press, 2006

GREINER, Christine. **O Corpo em Crise: Novas Pistas e o Curto-Circuito das Representações**. Editora Annablume.2010.

HALL, Stuart. (2004). **A identidade cultural na pós-modernidade** (9.ed.). Rio de Janeiro: DP&A HUMM, Maggie. **The dictionary of feminist theory**. Columbus: Ohio State University Press, 1990.

JAKOBSON, Roman. **Essais de Linguistique Générale**, Seuil, Points, 1963.

JOLY, Martine (1994) — **Introdução à Análise da Imagem**, Lisboa, Ed.70, 2007 — Digitalizado por SOUZA, R.

LIEBEL, Sílvia. **Demonização da mulher: A construção do discurso misógeno no Malleus Maleficarum**. Curitiba, 2004.



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017

MOI, Toril. **Sexual/textual politics: Feminist literary theory**. London : Routledge, 1988. MATOS, C. E., GENTILE, P. e FALZETTA, R. **Em busca do corpo perfeito**. IN: Revista Nova Escola. Abril, São Paulo: edição 173, ago. 2004

NOVAES, J.V; LANELLI, A.M. **A dimensão simbólica do corpo e o fenômeno social da corpolatria**. Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins. n. 01. Tocantins, 2015

WALKER, Rebecca. *Becoming the Third Wave*. 1992 Imagens de análise:
Imagem 1: Mulheres seminuas durante protesto da Marcha das Vadias em Brasília
Foto: Roberto Jayme. Disponível em:
<http://fotos.noticias.bol.uol.com.br/imagensdodia/2011/06/18/marcha-das-vadias.htm?fotoNavId=as2104598#fotoNavId=as2104594>

Imagem 2: Manifestantes exibem cartazes durante a Marcha da Vadias no centro de São Paulo.
25/03/2013. Foto: Deco Cury/ Folhapress. Disponível em:
<http://m.folha.uol.com.br/gallery/#galeria=16422-marcha-das-vadias-2013,foto=280449>

Imagem 3: Mulher com a frase "Poupe meus ovários, macho!" escrita nas costas participa da Marcha das Vadias na praia de Copacabana, no Rio. FOTO: Coelho – 2.jul.2016 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/album/2012/05/04/marcha-das-vadias-pelo-mundo.htm>
imagem=10263506#fotoNavId=prabef2869794387a945fb86410c7505120160702